

# DISCUTINDO A ESTRUTURA DAS PASSIVAS ESTATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVIDÊNCIAS DE COMPLEXIDADE ESTRUTURAL

---

KARINA CAROLINA VIEIRA\* | PAULA ROBERTA GABBAI ARMELIN\*\* | LYDSSON AGOSTINHO GONÇALVES\*\*\*

---

## RESUMO

Este trabalho investiga as estruturas conhecidas como passivas estativas no português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). As estativas são tema de constante debate na literatura. De maneira geral, contudo, existe a tendência de que sejam vistas como detentoras de menos material sintático do que as passivas eventivas, especialmente quanto à formação do particípio. Embick (2004), em particular, defende que o particípio das passivas estativas é formado por apenas uma concatenação entre raiz e um núcleo de aspecto (Asp). Todavia, há contraevidências em diversas línguas, como apontam Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) com dados do grego e Alexiadou *et al.* (2014) com dados do alemão. Esses autores identificam estruturas estativas cujos particípios se originam de verbos marcados para transitividade, indicando a presença de uma camada verbal (v). Nosso trabalho se insere nessa discussão, apresentando dados do português brasileiro que evidenciam uma grande complexidade estrutural nos particípios de estativas. Entre essas evidências, incluem-se a presença de vogais temáticas verbais e sufixos verbalizadores na composição desses particípios. Os dados sugerem que a identidade da estativa não pode ser atribuída unicamente ao particípio, mas sim deve levar em consideração os outros elementos que a compõem.

**Palavras-chave:** passivas estativas, particípios, Morfologia Distribuída

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Programa de Pós-Graduação em Linguística. *E-mail:* kvieira110@gmail.com.

\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Programa de Pós-Graduação em Linguística. *E-mail:* armelin.paula@ufff.br.

\*\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Programa de Pós-Graduação em Linguística. *E-mail:* lydsson.goncalves@gmail.com.

Agradecemos aos pareceristas anônimos pelas importantes contribuições. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## ABSTRACT

This paper investigates the structures known as stative passives in Brazilian Portuguese, under the theoretical framework of Distributed Morphology (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Statives are a source of constant debate in the literature. Generally speaking, though, there is a tendency of them being analyzed as having less syntactic material than eventive passives, especially in regards to the composition of participles. Embick (2004), in particular, argues that the eventive passive participle is formed just by a merge between the root and an aspect head (Asp). However, there is counter-evidence in several languages, as Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) and Alexiadou *et al.* (2014) point out, with data from Greek and German, respectively. Those authors identify stative structures whose participles originate from verbs which are marked for transitivity, indicating the presence of a verbal layer (*v*). Our study takes part in this discussion, presenting data from Brazilian Portuguese which show a high structural complexity in the structure of stative participles. Among the aforementioned evidence is the presence of verbal theme vowels and verbalizing suffixes in the composition of those participles. The data suggest that the identity of the stative sentence cannot be attributed solely to the participle, but should take into consideration the other elements in its composition.

**Keywords:** stative passives, participles, Distributed Morphology

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a estrutura morfossintática das passivas estativas do português brasileiro (doravante, PB), como em (1a-c), no intuito de demonstrar, através de argumentos de base empírica, que elas possuem uma complexidade estrutural maior do que a literatura tende a assumir que tenham (EMBICK, 2004, para o inglês; MEDEIROS, 2008, para o PB):

- (1) a. O dia está corrido.
- b. A prova está correta.
- c. O menino está cansado.

Desde Wasow (1977) é comum na literatura a ideia de que passivas eventivas e adjetivais sejam formadas em componentes distintos da gramática, a Sintaxe e o Léxico, respectivamente (LEVIN; RAPPAPORT, 1986; HORVATH; SILONI, 2008; MELTZER-ASSCHER, 2011). Embora, por razões de espaço, este trabalho não desenvolva uma proposta de estrutura para tais formações, a perspectiva teórica que embasa a nossa discussão empírica é uma abordagem totalmente sintática, a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, em que a geração de qualquer estrutura complexa acontece na sintaxe. Ao assumir a categorização como resultado de operações no componente sintático, a MD abre novas possibilidades de compreensão da identidade das formas participiais nas passivas. Seguindo os pressupostos desse modelo, propomos, neste trabalho, que há evidências empíricas de complexidade estrutural na formação de passivas estativas no PB, crucialmente da possibilidade de uma camada *v*, que categoriza a raiz antes da formação do participio nas passivas estativas.

Para tanto, o trabalho se estrutura da maneira a seguir: inicialmente, revisamos parte da literatura sobre as passivas estativas, discutindo, em particular, as propostas de Embick (2004), Medeiros (2008), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) e Alexiadou *et al.* (2014). Em seguida, abordamos dados do PB que constituem a base empírica para evidenciar a existência de complexidade estrutural nas estativas da língua. Na seção seguinte, apresentamos nossas interpretações teóricas acerca desses dados. Por fim, trazemos as considerações finais.

## 2 AS PASSIVAS ESTATIVAS NA LITERATURA

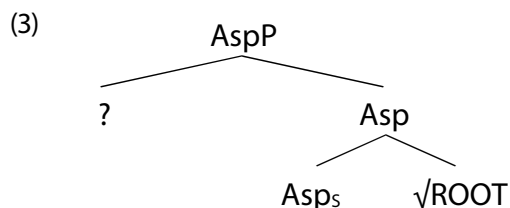
Para discutirmos o funcionamento das passivas estativas, é necessário contextualizá-las a partir da literatura que propõe uma tipologia tripartida das passivas. Mais especificamente, Kratzer (2000), a partir das reflexões de Parsons (1990), propõe que as passivas não só se dividem em duas classes, as verbais e adjetivais, como já era assumido na literatura, mas que as últimas possuem ainda uma subdivisão em passivas de estado alvo e passivas de estado resultante. Dentre outras propriedades, destaca-se o licenciamento da modificação pelo advérbio do alemão *immer noch* ("ainda"): participios de estado alvo, que são compatíveis com *immer noch*, denotam estados transitórios, reversíveis; participios de estado resultante, por outro lado, não podem se combinar com *immer noch* e, segundo Kratzer (2000), seriam

derivados de verbos, introduzindo estados resultantes de um evento que os origina, o que é formalizado pelo emprego de um operador de perfectividade. Os dados do alemão a seguir exemplificam esse comportamento:

- (2) a. *Die Geißlein sind (immer noch) versteckt.* (estado alvo)  
 “As cabras (ainda) estão escondidas.”  
 b. *Das Theorem ist (\*immer noch) bewiesen.* (estado resultante)  
 “O teorema (\*ainda) está provado”

(KRATZER, 2000, p. 385-386)

A proposta de Kratzer (2000) foi bastante influente na literatura, servindo como ponto de partida para diversas outras análises que a sucederam. Embora essa literatura seja vasta, devido às limitações de espaço e escopo do trabalho, nos concentramos, especificamente, em propostas desenvolvidas no âmbito de modelos teóricos compatíveis com a MD. Na mesma linha de Kratzer (2000), Embick (2004) propõe uma subdivisão das passivas do inglês em três tipos: eventivas, resultativas e estativas. Enquanto as passivas eventivas denotam eventos, as resultativas se referem a um estado que advém de um evento e as estativas denotam estados simples, muito similarmente aos adjetivos. Para os limites deste trabalho, focamos nossa discussão na estrutura dos participios das passivas estativas, cuja estrutura, segundo o autor, apresenta menos material sintático do que a das resultativas e eventivas. Mais especificamente, a estrutura proposta em Embick (2004) para os participios estativos traz a concatenação de um núcleo aspectual (Asp) diretamente à raiz, como em (3):

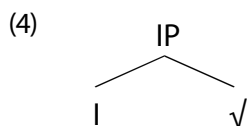


(EMBICK, 2004, p. 364)

Crucialmente, a estrutura acima não envolve um categorizador verbal (*v*). Segundo o autor, a ausência desse núcleo seria responsável por explicar a falta de leitura eventiva, bem como outros fatores empíricos, como a impossibilidade de modificação adverbial<sup>1</sup>. Em suma, a concatenação desse núcleo diretamente à raiz impede a anexação de *v* e produz uma estrutura em que justamente o núcleo desencadeador da leitura de evento está ausente.

<sup>1</sup> O ponto de interrogação na posição de especificador de Asp se refere a questões relacionadas ao licenciamento de argumentos nessas estruturas. Considerando as semelhanças entre as passivas estativas e os adjetivos, o autor levanta a hipótese de que o argumento poderia ser licenciado na posição ocupada pela interrogação, embora não haja no escopo da proposta espaço para o desenvolvimento dessa questão. Além disso, a caracterização AspS se refere a possíveis especificidades do núcleo aspectual das sentenças estativas.

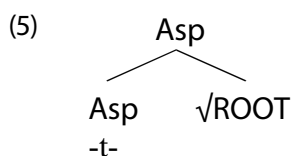
Baseando-se na discussão de Kratzer (2000) e olhando especificamente para os dados do PB, Medeiros (2008), por sua vez, propõe a seguinte estrutura para as passivas de estado alvo:



(MEDEIROS, 2008, p. 185)

Na proposta do autor, um morfema estativo (representado pelo núcleo I), quando concatenado diretamente à raiz, geraria as passivas de estado alvo. Junto a esse núcleo, ou imediatamente acima dele, Medeiros (2008) propõe haver um elemento de natureza adjetival, como o categorizador *a*, que define um domínio de interpretação especial para a raiz. O autor ressalta que somente raízes com semântica compatível poderiam se anexar à estrutura em questão.

Já Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) argumentam que é necessário desenvolver distinções mais refinadas no domínio dos participios. O ponto de partida das autoras são as diferentes realizações morfológicas possíveis para o participio no grego, que ora se superficializa através do morfema *-menos* e ora se realiza na forma *-tos*. Segundo as autoras, os participios formados com *-tos* não envolvem a implicação de evento e nem apresentam agentividade. Empiricamente, tais formações não aceitam, por exemplo, modificação orientada para o resultado do evento e nem para o agente ou mesmo a inserção de *by-phrases* ou PPs instrumentais. Assim, as formações com *-tos* são as que mais se aproximam dos estativos de Embick (2004), vistos anteriormente. A proposta das autoras para as formas participiais em *-tos* pode ser vista a seguir:

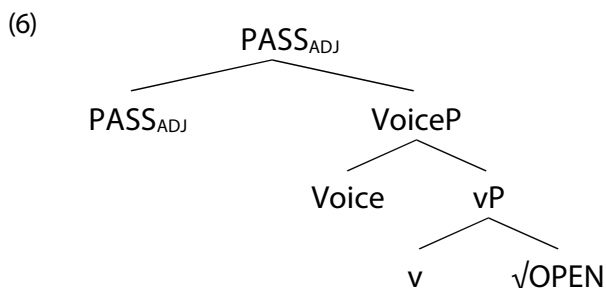


(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2008, p. 38)

Como se vê na estrutura acima, as autoras consideram que *-t-* é, efetivamente, a realização de Asp, núcleo que está diretamente anexado à raiz. A ausência do verbalizador nessa estrutura explica a falta agentividade e a ausência também de uma leitura eventiva. Cabe ressaltar que, na visão das autoras, tal estrutura seria bastante semelhante à estrutura dos adjetivos, em percepção semelhante à de Embick (2004). No entanto, as questões específicas das fronteiras entre tais participios e os adjetivos propriamente ditos são deixados como questão futura.

Por outro lado, a forma participial *-menos* se subdivide em duas estruturas distintas: uma delas correspondente às passivas de estado alvo e outra às de estado resultante, nos termos de Kratzer (2000): nas primeiras, por haver implicação de evento, há a camada *v*; já a estrutura das passivas de estado resultante, por sua vez, apresenta não só *v*, como também *Voice*, para licenciar, respectivamente, a implicação de evento e agentividade. Dessa forma, o trabalho de Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) revela evidências de que estruturas estativas, especialmente as passivas de estado alvo com *-menos* no grego, podem conter mais material sintático do que o proposto em Embick (2004) e Medeiros (2008).

Posteriormente, Alexiadou *et al.* (2014) revisitam a questão, demonstrando que participios de estruturas bastante complexas podem estar envolvidos na formação de estativas. Especificamente com relação à anexação de um núcleo Asp diretamente à raiz, os autores apontam que, no alemão, a forma causativa de verbos que participam da alternância causativo-incoativa pode aparecer em estruturas estativas, o que seria incompatível com a estrutura reduzida de Embick (2004). Os dados do alemão evidenciam, na verdade, que, possivelmente, até mesmo a camada introdutora do argumento externo poderia estar envolvida na formação de uma estativa. A estrutura sugerida por Alexiadou *et al.* (2014) para dar conta disso pode ser vista a seguir:



(ALEXIADOU *et al.*, 2014, p. 18)

Nessa estrutura, há um *v* – que licencia a presença de formas verbais complexas – e um núcleo *Voice* – que possibilita a anexação de *by-phrases*. Além disso, nota-se a presença de um núcleo *Pass<sub>adj</sub>* (BRUENING, 2014), que: (i) promove uma alteração de voz; (ii) seleciona um núcleo *Voice* sem especificador; e (iii) estativiza o evento.

Os trabalhos desses autores demonstram, então, uma grande variação na abordagem para as passivas estativas, com grandes divergências quanto ao material sintático. Na próxima seção, entraremos no debate com evidências de que as estativas do PB licenciam uma estrutura mais complexa do que a sugerida por Embick (2004) e Medeiros (2008).

### 3 AS ESTATIVAS DO PB: EVIDÊNCIAS DE COMPLEXIDADE ESTRUTURAL

Uma primeira questão a ser ressaltada com relação às estruturas nos moldes de Embick (2004) e Medeiros (2008) é que, do ponto de vista teórico, é possível que elas, em alguma medida, escapem ao que é previsto na hipótese de categorização tal como definida em Embick e Marantz:

Hipótese de categorização: raízes não podem aparecer (não podem ser pronunciadas ou interpretadas) sem serem categorizadas; elas são categorizadas se concatenando sintaticamente a núcleos funcionais definidores de categoria. (EMBICK; MARANTZ, 2008, p. 6, tradução nossa)<sup>2</sup>

Nessa perspectiva, portanto, a categorização é essencial para a realização das raízes. Uma interpretação teórica plausível para essa ideia é a de que raízes devem realizar um *merge* com um núcleo categorizador antes de qualquer outro – o que não ocorre nas propostas citadas, que permitem a anexação de um núcleo de outra natureza nessa posição. Outra interpretação é a de que a raiz não precisa se concatenar a um categorizador de imediato. Nesse caso, ainda assim ela deverá ser categorizada em algum momento dentro do domínio de *spell-out* em que está inserida, para que seja devidamente lida nas interfaces. Numa abordagem de estativas que anexa Asp diretamente à raiz, o participio aparentemente se constitui apenas desses dois elementos, o que abre a possibilidade de que, ao ser concatenado a uma estrutura maior, encontre um desencadeador de fase antes de fazer *merge* com um categorizador.

Do ponto de vista empírico, para discutirmos a complexidade estrutural das passivas estativas, um primeiro desafio é diferenciá-las das resultativas. Isso por vezes não é trivial e, no PB, se mostra ainda mais desafiador, devido ao compartilhamento sistemático de material morfofonológico entre elas (ambas podem ser construídas com o verbo *estar*, por exemplo). Muitas vezes, as sentenças podem ser ambíguas entre uma e outra leitura, e nem todos os testes disponíveis na literatura (KRATZER, 2000; EMBICK, 2004; ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2008; entre outros) para identificá-las funcionam bem para o PB, o que é esperado se considerarmos que tais formações podem ser realizadas por diferentes camadas de material sintático em diferentes línguas. Assim, para este trabalho, buscamos evidências de complexidade estrutural diretamente nos dados do PB, no intuito de demonstrar que é possível que essas estruturas contenham mais material sintático que apenas a raiz e o núcleo Asp. Com isso, contribuímos também propondo alguns novos critérios para a identificação de estativas.

<sup>2</sup> No original: "Categorization assumption: Roots cannot appear (cannot be pronounced or interpreted) without being categorized; they are categorized by merging syntactically with category defining functional heads."

Uma primeira evidência de complexidade estrutural nas estativas do PB é o simples licenciamento de participípios regulares nessas estruturas, que possuem uma vogal temática antes do expoente de Asp (-d-), como se observa nos dados a seguir:

- (7) a. A moça está encantada.  
 b. João está empregado.  
 c. A torre está tombada.

Esse tipo dado é relevante porque a presença da vogal temática sugere a necessidade de que haja uma projeção funcional nos participípios regulares a que tal elemento possa se anexar (HARRIS, 1999). Embora seja possível propor que essa vogal temática seja uma informação relacionada diretamente à própria raiz (por exemplo, via uma especificação diacrítica; cf. EMBICK e HALLE, 2005), é importante considerar que em um uso nominal, algumas bases exibem uma vogal temática diferente da do uso verbal. A vogal *a* de *tombar*, por exemplo, se converte em *o*, em *tombo*. Tal diferença indica que a incorporação da vogal temática está vinculada não à raiz em si, mas é determinada por outros fatores, por exemplo, pela categoria na qual ela se manifesta. Em termos de MD, tal elemento poderia, então, ser analisado como o expoente de um núcleo funcional associado a *v* ou *n*, não como codificada na raiz propriamente dita (EMBICK e HALLE, 2005) ou como parte dela (BERMÚDEZ-OTERO, 2013).

Também há que se ressaltar que o conceito de vogal temática pode incluir mais do que apenas essa vogal que compõe a base verbal ou nominal. Na proposta de Oltra-Massuet (1999), em especial, a vogal temática seria um elemento que acompanha todos os núcleos funcionais. Nesse caso, uma estrutura de raiz + Asp teria espaço apenas para a vogal temática de Asp, o que até poderia ser suficiente para dar conta de participípios irregulares, como em *feito* (considerando -t- como o expoente de Asp), mas não dos participípios regulares<sup>3</sup>. Faz sentido, assim, pensar que pelo menos os participípios de morfologia regular possuem a camada *v* na sua estrutura. Sendo tais formas compatíveis com as passivas estativas, elas devem ser vistas como mais complexas que o proposto em Embick (2004). Outros participípios capazes de formar estativas apresentam mais evidências de uma camada verbal:

- (8) a. A população da França (ainda) está mobilizada.  
 b. O trânsito de São Paulo (ainda) está engarrafado.  
 c. A população do Brasil (ainda) está desmobilizada.

A disponibilidade de participípios complexos como esses em passivas estativas é reveladora, porque os morfemas destacados estão relacionados a estruturas verbais. De maneira mais específica, o morfema -iz-, em (8a), pode ser analisado como a realização fonológica de um categorizador verbal, e possivelmente evidencia também a presença de um núcleo *Voice*, uma vez que os verbos formados a partir dele são transitivos. A formação parassintética em (8b) também evidencia a presença de outros núcleos funcionais. Bassani (2013), por exemplo,

<sup>3</sup> É interessante apontar que mesmo participípios irregulares, como *feito*, aparecem em estruturas verbais complexas, como “As crianças tinham feito muita bagunça”. Nessas formações parece necessariamente haver mais informações que apenas Asp e raiz, o que descarta uma possível generalização de que formas irregulares sejam compostas simplesmente pela associação entre tais núcleos.



propõe que, sintaticamente, os verbos parassintéticos são formados não só com a presença do categorizador *v*, mas também com um núcleo R (relacionador), que é o nó terminal que abriga o prefixo dessas formações. Por sua vez, *des-*, em (8c), é um prefixo que frequentemente seleciona bases verbais<sup>4</sup>. Assim, participípios que os incluem devem possuir também a projeção *v*. Além disso, a compatibilidade com o advérbio *ainda* sugere que há evidência morfológica da camada *v* em participípios estativos com interpretação de estado alvo.

As evidências discutidas favorecem a proposta de que as estativas são lícitas com participípios que apresentam estruturas complexas. Contudo, ainda resta a dificuldade de distinguir as estativas das resultativas. Os dados apresentados podem ser vistos como ambíguos por alguns falantes e, por isso, é preciso encontrar meios para que essa ambiguidade se desfaça. Nesse sentido, um teste que se mostra eficaz no português é checar a aceitabilidade de tais participípios em estruturas predicativas com o verbo *ser*, análogas às que se utilizam de adjetivos:

- (9) a. A população da França é consciente.  
b. A população da França é **mobilizada**.  
c. O trânsito de São Paulo é insuportável.  
d. O trânsito de São Paulo é **engarrafado**.

Nesse uso copular, expressa-se uma propriedade do sujeito, sem qualquer leitura de evento. Estruturas como essas, sem um contexto adicional, são interpretadas como estativas. O participípio passa a funcionar essencialmente como adjetivo, o que vai ao encontro da percepção de Embick (2004) e Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), que já viam semelhança entre os adjetivos e os participípios de estativas. Vários participípios regulares e morfológicamente complexos podem ser usados em estativas com o verbo *ser*:

- (10) a. A varinha da fada é encantada.  
b. A Torre de Pisa é tombada.  
c. A população da França é mobilizada / desmobilizada.  
d. O sofá da sala é esverdeado.

O teste com o verbo *ser* foi apresentado no presente, uma vez que, em outros tempos/aspectos, como o pretérito perfeito, a leitura eventiva geralmente se sobressai. Porém, caso seja oferecido um contexto adequado, ainda é possível extrair a leitura estativa:

- (11) a. A população da França foi mobilizada (pelo presidente). (eventiva)  
b. A população da França já foi mobilizada, hoje não é mais. (estativa)

Ainda assim, o uso do verbo *ser*, mesmo no presente, também pode ser ambíguo. Uma sentença como *a população da França é mobilizada pelo presidente* não é agramatical, especialmente se inserida em determinado contexto. Nesse sentido, a coordenação do participípio com um adjetivo (ou outro sintagma de função predicativa) favorece a leitura

<sup>4</sup> É interessante ressaltar que *des-* é um prefixo que também se anexa a nomes não necessariamente derivados de verbos e a adjetivos. De qualquer forma, esse não parece ser o caso da formação em questão.

estativa, além de servir como teste que evidencia que ela é licenciada mesmo com participios complexos:

- (12) a. A população da França é mobilizada e consciente.  
 b. \*A população da França é mobilizada e consciente pelo presidente.  
 c. O trânsito de São Paulo é engarrafado e insuportável.  
 d. \*O trânsito de São Paulo é engarrafado e insuportável pelos motoristas.

A incompatibilidade do agente da passiva com as sentenças (12b) e (12d) demonstra que há de fato uma coordenação de elementos de estatuto semelhante. A literatura tem apontado a incompatibilidade entre as estativas e a inserção de um agente, o que parece também sugerir que as sentenças acima se configuram como tal. O teste ainda traz mais uma contribuição para esse debate: com a sua aplicação, também se pode notar que nem todos os participios irregulares funcionam bem com a leitura estativa. Tal comportamento evidencia, então, que não há uma associação absoluta entre a forma do participio e a leitura estativa, resultativa ou eventiva:

- (13) a. Aquele político é corrupto.  
 b. O jornal matinal é impresso.  
 c. \*A luz da sala é acesa.  
 d. \*A sugestão é aceita.<sup>5</sup>

As evidências reunidas nesta seção apontam, portanto, para a necessidade de abordar as estruturas estativas, resultativas e eventivas não em função dos participios (ou, ao menos, não exclusivamente), mas sim de toda a sequência morfossintática que as estrutura.

## 4 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES TEÓRICAS

Dada a discussão realizada na seção anterior, nossa proposta inicial é a de que o ponto-chave para caracterizar a passiva estativa (bem como suas diferenças em relação às resultativas e eventivas) não é a anexação de um núcleo Asp diretamente à raiz na formação dos participios que a compõem, mas a relação desse participio com os outros elementos da estrutura.

Em suma, o núcleo Asp, que abriga a marca participial, pode se concatenar em diferentes posições – diretamente à raiz ou mais alto, após os núcleos de natureza verbal, como o categorizador, por exemplo. Isso já era previsto tanto em Embick (2004) quanto em Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) e Alexiadou *et al.* (2014), mas esses autores, de maneira geral, associam a altura de Asp não apenas à forma do participio, mas também ao tipo de leitura desencadeada, o que não se confirma quando confrontado com os dados que discutimos. Basicamente, a formação do participio pode ser mais simples ou mais complexa e, independentemente disso, obter-se uma leitura estativa ou resultativa.

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que as sentenças em (13c) e (13d) não são agramaticais com a leitura de evento, por exemplo. Como estativas, porém, não funcionam adequadamente.

Dessa forma, levantamos hipótese de que, qualquer que seja a altura em que Asp se concatene, sua entrada causa uma espécie de interrupção na projeção estendida do verbo. Mais especificamente, Asp carregaria, ao mesmo tempo, traços verbais e nominais, de forma semelhante à proposta de um núcleo *Switch*, nos moldes de Panagiotidis e Grohmann (2005) e Panagiotidis (2015). Contendo traços categoriais mistos, essa projeção seleciona um complemento verbal, ao mesmo tempo em que licencia a entrada de núcleos nominais na estrutura, como os de gênero e número, por exemplo. Exatamente por essa interrupção, surge a necessidade de uma camada verbal adicional acima do particípio, que se manifesta como o verbo copular, nas estruturas em questão. Dessa forma, parece haver uma contribuição significativa desse verbo para que a leitura estativa seja efetivada. Finalmente, uma importante questão que surge a partir dessa proposta é o fato de que não há interpretação eventiva mesmo com a presença de *v*. Para lidar com essa questão, deixamos duas possibilidades como perspectivas futuras. A primeira delas, estaria relacionada à própria natureza desse categorizador, que pode pertencer a um sabor específico, como discutido em Folli e Harley (2005). A segunda<sup>6</sup>, por sua vez, considera a possibilidade de que existam alossemas de *v*, a depender dos traços do próprio núcleo Asp, em linha com a proposta de Marantz (2013).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, revisitamos as discussões acerca das passivas estativas, demonstrando, através de argumentos de base empírica, que elas possuem uma complexidade estrutural maior do que a literatura tende a assumir. Mais especificamente, analisando dados do PB, pudemos averiguar que os particípios disponíveis para as estativas dessa língua se mostram estruturalmente complexos.

Com base nessa constatação, propusemos que a distinção entre estativas e resultativas não pode estar relacionada à estrutura interna do particípio, e sim deve ser derivada da relação entre esse elemento e os que o cercam, em particular o verbo. Finalmente, levantamos hipótese de que o morfema participial (-*d*-) de alguma forma interrompe a projeção estendida do verbo, licenciando e entrada de elementos de natureza não verbal na estrutura.

---

<sup>6</sup> Agradecemos ao parecerista anônimo por nos apontar essa linha de investigação.

## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Structuring Participles. *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 33-34, 2008.

ALEXIADOU, Artemis, GEHRKE, Berit; SCHÄFER, Florian. The argument structure of adjectival participles revisited. *Lingua* v. 149, p. 118-138, 2014.

BASSANI, Indaiá de Santana. *Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo. The Spanish lexicon stores stems with theme vowels, not roots with inflectional class features. *Probus*, [s.n], v. 25, n. 1, p. 3-103, 2013.

BRUENING, Benjamin Word Formation is Syntactic: Adjectival Passives in English. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 32, p. 363-422, 2014.

EMBICK, David. On the Structure of Resultative Predicates in English. *Linguistic Inquiry*, n. 35, v. 3, p. 355-92, 2004.

EMBICK, David; HALLE, Morris Halle. On the Status of Stems in Morphological Theory. In: GEERTS, Twan; VAN GINNEKEN, Ivo; JACOBS, Haike (ed.). *Romance Languages and Linguistic Theory, 2003: Selected Papers from "Going Romance", 2003*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 37-62.

FOLLI, R., HARLEY, H. Flavors of v. In: KEMPCHINSKY, P., SLABAKOVA, R. (ed.). *Aspectual Inquiries. Studies in Natural Language and Linguistic Theory*, v. 62. Springer, Dordrecht, 2005.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay. *The View from Building 20*. MIT Press, 1993.

HARRIS, James W. Nasal Depalatalization No, Morphological Wellformedness Sí: The Structure of Spanish Word Classes. In: ARREGI, Karlos; BRUENING, Benjamin; KRAUSE, Cornella; LIN, Vivian (ed.) *Papers on Morphology and Syntax: Cycle One*. Cambridge, MA: MIT, 1999, p. 47-82.

HORVATH, J.; SILONI, T. Active lexicon: Adjectival and verbal passives. In: ARMON-LOTEM, S.; DANON, G.; ROTHSTEIN, S. (ed.). *Current issues in generative Hebrew linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 105-134.

KRATZER, Angelika. Building stative. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*, v. 26, 2000, p. 385-399.

LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry* 17. p. 623-661,1986.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

MARANTZ, A. Locality domains for contextual allomorphy across the interfaces. In: MATUSHANSKY, O.; MARANTZ, A. (ed.). *Distributed Morphology today: Morphemes for Morris Halle*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013, p. 95-115.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. Tese de Doutorado em Linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

MELTZER-ASSCHER, A. Adjectival passives in Hebrew: Evidence for parallelism between the adjectival and verbal systems. *Natural Language & Linguistic Theory* 29, p. 815-855, 2011.

OLTRA-MASSUET, Maria Isabel. *On the notion of theme vowel: A new approach to Catalan verbal morphology*. PhD Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1999.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

PANAGIOTIDIS, P.; GROHMANN, K. Mixed Projections: Categorical Switches and Prolific Domains. *Linguistic Analysis*, v. 35, p.141-162, 2005.

PANAGIOTIDIS, P. *Categorial Features: A Generative Theory of Word Class Categories*. Cambridge Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

WASOW, T. Transformations and the Lexicon. Formal Syntax. In: CULICOVER, P.; AKMAJIAN, A.; WASOW, T. (ed.), *Formal syntax*. New York, Academic Press, 1977. p. 327-360.

*Squib* recebido em 4 de dezembro de 2021.

*Squib* aceito em 25 de janeiro de 2022.